OPÚSCULO HUMANITÁRIO

nísia floresta

textos informativos: fátima mesquita

PANDA BOOKS

PANDA BOOKS

© Panda Books

Direção editorial
Marcelo Duarte
Patth Pachas
Tatiana Fulas

Gerente editorial
Vanessa Sayuri Sawada

Assistentes editoriais
Henrique Torres
Laís Cerullo

Assitente de arte
Samantha Culceag

Projeto gráfico e capa
Casa Rex

Diagramação e pesquisa iconográfica
Daniel Argento

Notas
Fátima Mesquita

Estabelecimento de texto
Ronald Polito

Edição das notas
Olívia Tavares

Revisão
Olívia Tavares
Gabriel Provinzano
Ronald Polito

Fotos
P. 74: © Frances Benjamin Johnston/Library of Congress; p. 87: © Oscar Pereira da Silva/José Rosael/Hélio Nobre/Museu Paulista da USP/domínio público; p. 90: © Brett Jordan/Flickr/CC-BY 2.0; p. 122: © Toshiyuki IMAI/Flickr/CC-BY-SA 2.0; p. 193: © Legado de George C. Stone, 1935/The Metropolitan Museum of Art/domínio público.

Impressão
Corprint

Este livro foi estabelecido com base na primeira edição, de 1853, publicada pela Typographia de M. A. Silva Lima, Rio de Janeiro.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

F658o
Floresta, Nísia, 1810-1885
Opúsculo humanitário / Nísia Floresta; textos informativos Fátima Mesquita. – 1. ed. – São Paulo: Panda Books, 2025. il.

ISBN 978-65-5697-432-3

1. Feminismo. 2. Mulheres – Educação – Brasil. I. Mesquita, Fátima. II. Título.

25-97161.0

CDD: 305.42
CDU: 141.72

Gabriela Faray Ferreira Lopes – Bibliotecária – CRB-7/6643

PANDA BOOKS

2025
Todos os direitos reservados à Panda Books.
Um selo da Editora Original Ltda.
Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41
05413-010 – São Paulo – SP
Tel./Fax: (11) 3088-8444
edoriginal@pandabooks.com.br
www.pandabooks.com.br
Visite nosso Facebook, Instagram e Twitter.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Original Ltda. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

O QUE É UM CLÁSSICO?

Não sei você, mas pra mim "clássico" mesmo é jogo de futebol, tipo Fla X Flu, Coringão X Porco, Brasil X Argentina. Só que, na escola, os professores de português e de literatura cismavam em dizer que "clássico" eram os livros chatos que eles queriam porque queriam que a turma toda lesse. Ah, e não bastava empurrar pra cima da gente livro velho de fala complicada que a gente mal entendia. Além disso, eles ainda queriam que a gente fizesse exercício e prova sobre os textos. Pode haver castigo maior? E por que é assim?

Na minha aventura para tentar entender esse grande mistério da humanidade, comecei checando no dicionário o que quer dizer a palavra "clássico". A definição varia de A a Z, mas lá pelas tantas diz mais ou menos assim: "Obra que se mantém ao longo dos tempos, que se tornou um modelo de inspiração, que pela sua qualidade obteve consagração definitiva".

Beleza. Pra mim, saber melhor o que é considerado um "clássico" já ajudava a entender muita coisa, mas não mudava a minha opinião de que os clássicos eram uns chatos de galocha! E eu segui batendo nessa tecla por muito tempo, até que resolvi reler livros que eu havia empurrado com a barriga na escola pra ver se dava para acabar com essa conversa de sempre: de que os tais "clássicos da literatura brasileira" eram uns livros mais chatos que bêbado contando sonho. E, galera, vou admitir: quanto mais eu lia, mais eu gostava do que eu lia e mais eu me espantava com isso :)

A FLORESTA E A FORASTEIRA

Imagine aí que é 1810 e que você está na capitania do Rio Grande do Norte, mais precisamente na cidadezinha de Papari, a quarenta quilômetros ao sul da cidade de Natal. É nesse cenário que nasceu uma menina em um sítio chamado Floresta. Os pais dela – o advogado português Dionísio Gonçalves Pinto Lisboa (*c.* -1828) e a brasileira Antônia Clara Freire (*c.* -1855), uma dona de casa que vinha de uma família com grana – batizaram a pequetucha de Dionísia Gonçalves Pinto.

A família, composta ainda por um irmão e uma irmã mais velhos, era meio diferentona, mais progressista, com umas ideias novas e muito forasteiras para aquele lugar e tempo. Se bem que nem esse ar de modernidade livrou Dionísia de um casamento aos treze anos de idade com um homem beeem mais velho. O que será que aconteceu para esse *match* rolar, hein? Esse mistério fica enterrado na matéria densa e escura chamada de passado.

Mas aí, mal deu um ano de casamento e lá vinha de novo aquela gente com ideias estranhas, avançadas, praticamente de outro mundo ou, quem sabe, até do futuro. Porque a Dionísia voltou para a casa dos pais. Se-pa-ra-da! Na época, isso era coisa rara, insana, ousada. Um troço pesado, um pecado, que, tudo indica, levou a família inteira a fazer as malas e se mandar daquela região – opa, talvez, viu, porque também há um boato de que a fuga se deu por conta de uma perseguição política ao pai.

MORTES E NASCIMENTOS

Chegam assim em Pernambuco. Eles todos. Ficam um pouco de tempo numa cidade e noutra do interior até se mudarem para o Recife. Só que nem lá a vida foram flores porque um dia, em 1828... *bum*, *bum*, *bum*! Assassinaram o pai da filósofa. De emboscada. De repente. Da tardezinha para a noite. Aquela tristeza imensa, o sangue no chão inesperadamente talhando o fim do dia e dos sonhos. A estrutura familiar quase esfarela por completo. E Dionísia, sofrida que só, teve que se levantar e se virar. Para colaborar com o sustento da casa, foi dar aulas num colégio.

Mas Dionísia estava apaixonada. Tinha um ombro parceirão pra ajudá-la a tentar lidar com aquela pancada. Era ele o Manuel Augusto de Faria Rocha, um estudante de direito, com quem a conversa era boa e fácil. Os pombinhos passaram a morar juntos. Tiveram uma filha, Lívia. E, na sequência, um menino que, infelizmente, não sobreviveu.

Ao mesmo tempo, brotou ali a oportunidade de Dionísia escrever para o jornal *Espelho das Brasileiras*. Seus textos eram sobre as condições das mulheres na sociedade, mas ela não assinava nada. Saía tudo no modo anônimo. Logo depois, nasceu uma nova persona, com o lançamento, em 1832, do primeiro li-

PANDA BOOKS

vro de Nísia Floresta Brasileira Augusta, uma tradução bem soltinha da obra *Vindication of the rights of women*, da britânica Mary Wollstonecraft (1759-97), publicada em português sob o título de *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*.

UM DESCOMBINADO COM A SORTE

O livro inaugurava o pseudônimo que até hoje faz a fama da moça Dionísia, e que a sua cidade natal, a antiga Papari do Rio Grande do Norte, adotou em 1948 quando passou a se chamar Nísia Floresta – o Nísia vinha de Dionísia e Floresta era o nome do sítio em que ela nasceu e cresceu. Em homenagem ao país, escolheu também o Brasileira. E, para findar, usou Augusta por conta do companheiro Manuel Augusto.

Aliás, mais ou menos naquela altura, o amado Augusto se formava. Então, eles atravessaram o Brasil para se estabelecerem em Porto Alegre. Mas parece que Nísia não estava se entendendo bem com a Dona Sorte, sabe? Em 1833, aos 25 anos, o maridão querido morreu do nada, bem no mesmo ano em que nascia o terceiro pimpolho do casal, o Augusto Américo. E foi com tudo isso no prato que a Nísia mergulhou de cabeça nas atividades da educação.

Estava, então, a nossa Nísia ensinando e se virando. Só que no caminho havia a Revolução Farroupilha (1835-45), que era um caos, uma guerra. Diante daquele climão tenso e cheio de incertezas, Nísia juntou de novo os seus e zarpou para a cidade do Rio de Janeiro em 1837, onde fundou uma escola, o Colégio Augusto, dedicado às meninas.

A FORASTEIRA FLORESTA

A proposta pedagógica de Nísia estava mais para algo incomum. Mesmo assim, ela achou alunas suficientes para tocar a iniciativa. Porém, virava e mexia ela esbarrava em críticas duras, que resvalavam em abuso, com algumas pessoas acusando a educadora de não ter moral pra dar aula, de ser promíscua, depravada, essas coisas que até hoje tantas vezes são jogadas na cara de uma mulher quando ela não se encaixa em determinados moldes. E esse clima azedo só piorou com a publicação dos livros

dela, que sempre batiam na tecla dos direitos iguais, da educação e do respeito à mulherada. A isso se juntou uma queda de cavalo que a filha Lívia havia tomado e pronto: acende a ideia na cabeça da Nísia de sair do país, de modo que Paris virou o endereço dela.

Dali da França, deu rolezinhos variados, passando mesmo uma temporada ou outra no Brasil, mas voltando sempre para a Europa, onde se sentia mais à vontade, sendo forasteira no papel, mas não na alma. Estudou mais, fez amizades com uns cultos e escreveu mais livros até que morreu em 1885, aos 75 anos, de uma pneumonia, já sem grana e sem prestígio, mas talvez sabendo que havia deixado para trás a semente de um outro jeito de vida para essa floresta linda, densa, fértil e importante que é a mulherada do Brasil de agora e sempre. Valeu, Nísia!

O MÚSCULO DO OPÚSCULO

Falei da sorte e do descompasso dela com a Nísia. Mas talvez nunca tenha sido sorte, e sim um trabalho sistêmico, né, que deixou e ainda deixa as mulheres num canto apertado, numa forma minúscula, seguindo regras que não fazem sentido, que foram inventadas por outras forças. Este livro é sobre isso. Ele é uma tentativa de Nísia contar como a mulher foi tratada pela história afora e em diversos pontos do mapa-múndi. E como muito homem inventou bobeiras para reivindicar para eles mesmos um papel principal na trama da vida, deixando a mulher como um ser secundário, de segunda categoria, quando, na real, somos todos farinha do mesmo saco, com as mesmas capacidades, potencialidades, deveres e direitos.

Então ela fala da Ásia, da África, dos indígenas do Brasil, dos portugueses, dos gregos, dos romanos, dos franceses, dos ingleses, dos alemães, dos norte-americanos e dos escravizados. Além disso, vai mostrando autores e pensadores; as furadas e as roubadas da época; os textos que surgiram em defesa da educação da mulher; as mulheres que começaram a fazer barulho, que se destacaram; e as que foram apagadas, queimadas, torturadas. E é bem interessante esse caminho dela. Mas, ao mesmo tempo, tem uns probleminhas...

É que Nísia era uma mulher branca, católica, nascida em 1810, no Brasil. E por mais que fosse avançada em mil e uma

PATUÁ BOOKS

coisas, carregava consigo marcas de um preconceito enraizado. Por isso, às vezes, quando ela fala do que não é o ocidental típico europeu, dá para notar o viés dela. Assim como no momento em que ela defende os negros e os indígenas de forma bonita e ao mesmo tempo meio paternalista, porém de um jeito meio distorcido. Da mesma maneira, a insistência dela na moral católica como salvação para tudo também é uma contradição enorme.

Apesar de tudo isso, esse *Opúsculo* vale muito a pena. Muito mesmo. Foi um rompedor de paradigmas, de padrões. Foi uma chacoalhada das boas, que nos inspira e nos empurra para a frente. E mostra, de lambuja, aquela coisa clara de que a vida é mesmo um resultado do trabalho árduo das gerações passadas que entraram na luta, engoliram sapos, deram a cara a tapa pra gente ter coisas simples, tipo o direito de uma mulher ter conta em banco, poder dirigir um carro, estudar na facul, se formar em qualquer coisa, casar-se ou não, se separar ou ficar juntinho pra todo o sempre, ser divergente, múltipla, excêntrica, certinha, ter namorada ou namorado, enfim, ser quem quiser, ser mulher. Então, vou me repetir: valeu, Nísia!

PISTAS PARA EXPLORAR A FLORESTA

Minha gente, esta Floresta que está nas suas mãos é densa! Ela foi escrita num tempo em que os costumes e a língua eram diferentes do português de hoje e isso já é o bastante para causar estranheza. Mas, nesse caso aqui, a autora era culta e queria mostrar isso, queria deixar claro a capacidade das mulheres de aprender, de raciocinar, e que o que ela dizia não era bobagem: era coisa bem-pensada, filosofada, estudada. Então, a Nísia cita muita gente e usa um vocabulário cabeção. Tenso? Nem tanto, meu povo, porque o time entrou em ação e fez esta **edição** caprichada para poupar o seu suor.

- Fotos para contextualizar a cena.
- Sugestões de pesquisa na internet.
- Comentários curtos e curiosidades.
- Dicas de vídeos para assistir on-line.

Significado de palavras e expressões em **vermelho**.

Para isso, a gente colocou sinônimos paras as palavras diferentes ou menos comuns que abundam no texto e demos o contexto de algumas falas, palavras ou ações. Também fizemos a graça de às vezes traduzir/simplificar um trecho inteirinho que estava fazendo pose de difícil e produzimos notinhas de rodapé com uma breve biografia dos figurões que aparecem por aqui. Ah, temperamos o molho com umas curiosidades, porque ninguém é de ferro! E tem ainda um punhado de ilustrações que ajudam a entender e a dar o clima das coisas. Então, a travessia na floresta, num estilo de mata fechada, deve ficar mais maneira, mais leve e mais certeira. De nada, viu?

Fátima Mesquita

PANDA BOOKS

SUMÁRIO

Dedicatória	11
I	12
II	14
III	17
IV	20
V	24
VI	29
VII	32
VIII	35
IX	38
X	41
XI	44
XII	49
XIII	52
XIV	55
XV	57
XVI	60
XVII	63
XVIII	65
XIX	67
XX	69
XXI	71
XXII	74
XXIII	77
XXIV	80
XXV	82
XXVI	86
XXVII	89
XXVIII	92
XXIX	94
XXX	96
XXXI	98
XXXII	101
XXXIII	104
XXXIV	106
XXXV	108
XXXVI	110
XXXVII	113
XXXVIII	115
XXXIX	118
XL	120
XLI	123
XLII	127
XLIII	129

PANDA BOOKS

XLIV	132
XLV	135
XLVI	138
XLVII	141
XLVIII	144
XLIX	148
L	151
LI	155
LII	158
LIII	161
LIV	165
LV	169
LVI	172
LVII	175
LVIII	179
LIX	184
LX	188
LXI	191
LXII	195

PANDA BOOKS

A MEU QUERIDO IRMÃO JOAQUIM PINTO BRASIL

Nísia teve uma irmã e um irmão. O Joaquim era o queridão dela. Não se sabe muito sobre ele, apenas que era advogado e educador. Foi professor no prestigiado Colégio D. Pedro II, no Rio de Janeiro, e dono de um colégio em Rezende, no interior do estado. Morreu de problemas no pulmão em 1875. A irmã só soube uma semana depois e ficou arrasada.

Tu, cujo espírito superior distingue, aquilata e **deplora** os erros que por aí se **preconizam**, e, apoiado à coluna da filosofia, vê em silêncio passar as legiões de combatentes e combatidos das ideias que **vogam**; tu, cujo bom senso, fugindo à inconstante atmosfera política que tanto faz variar os homens, continua enérgico e perseverante na **onerosa** e nobre carreira que ambos **encetamos** lá desde o **albor** da juventude; tu, digo, compreenderás, lendo estes **reflexos** de um coração sempre dedicado à educação de nossa mocidade, o interesse que ela me inspira ainda lutando com o mal físico que me oprime, depois de minha volta da **Europa**.

Aceita pois este imperfeito trabalho meu, e dá-lhe um dia, tu que és pai de sete filhos e diriges uma porção dessa mocidade, o desenvolvimento que julgares merecer o objeto que o inspirou a

Tua amiga da infância

B. A.

Aquilatar: avaliar, julgar.

Deplorar: sofrer, lamentar.

"Vogar" é estar em uso ou na moda.

Preconizar: elogiar, recomendar.

Oneroso: difícil.

Encetar: seguir, dar andamento.

"Albor" ou "alvor" é o comecinho do dia, o amanhecer.

Reflexo: pensamento.

Nísia foi para a Europa em 1849 e retornou ao Brasil depois de mais de vinte anos.

Já B. A. são as iniciais de Brasileira Augusta, um dos pseudônimos usados pela autora.

PANDA BOOKS

I

Como um movimento organizado, a ideia de conquista de direitos para as mulheres começa a pipocar na segunda metade do século XIX, principalmente na Europa (Velho Mundo) e nos Estados Unidos (Novo Mundo). Defendendo o direito à educação, à participação em atividades políticas (ser ouvida, votar e poder ser votada) e ao exercício do trabalho remunerado, o movimento era essencialmente branco e de classe média.

Débil: fraco, sem vigor.

Enquanto pelo velho e novo mundo vai ressoando o brado – emancipação da mulher – nossa débil voz se levanta, na capital do império de Santa Cruz, clamando – educai as mulheres!

Povos do Brasil, que vos dizeis civilizados! governo, que vos dizeis liberal! onde está a doação mais importante dessa civilização, desse liberalismo?

Em todos os tempos, e em todas as nações do mundo, a educação da mulher foi sempre um dos mais salientes característicos da civilização dos povos. Na Ásia, esse berço maravilhoso do gênero humano e da filosofia, a mulher foi sempre considerada como um instrumento do prazer material do homem, ou como sua mais submissa escrava: assim, os seus povos, mesmo aqueles que atingiram ao mais alto grau de glória, tais como os **Babilônios**, ostentando aos olhos das antigas gerações suas admiráveis muralhas, seus suspensos e soberbos jardins, suas **colunatas de pórfiro, seus templos de jaspe, com zimbórios** de pedras preciosas

Desde a chegada dos portugueses em 1501, o Brasil teve vários nomes – alguns deles bem cristãos, como Ilha de Vera Cruz e Terra de Santa Cruz. Só em 1527 optaram de vez por Brasil.

Babilônio era quem vinha da Babilônia, cidade no sudeste da Mesopotâmia, região onde hoje fica o Iraque.

Traduzindo: série de colunas (colunata) de um tipo de mármore (pórfiro), com templos revestidos de uma pedra avermelhada (jaspe) e telhados em cúpula (zimbório).

PARABOOKS

elevando-se às nuvens, obras que até hoje não têm podido ser imitadas; esses povos tão poderosos, dizemos, permaneceram sempre em profunda ignorância dessa civilização, que só podia ser transmitida ao mundo pela emancipação da mulher, não conforme o filosofismo dos **socialistas**, mas como a compreendeu a sabedoria Divina, elevando até a si a mulher, quando encarnou em seu seio o Redentor do mundo.

As Déboras[1], as Semíramis[2], as Judites[3] se mostraram **embalde**, atestando aquela a graça de que a tocara Deus, permitindo-lhe revelar aos homens alguns de seus mistérios; estas, uma razão esclarecida, uma coragem rara, que provavam já então não ser a mulher somente destinada a guardar os rebanhos, a preparar a comida, e a dar à luz a sua posteridade.

No começo do século XIX, os primeiros movimentos socialistas europeus falavam que o casamento era como um negócio: se a mulher fosse rica, o marido queria mesmo era a riqueza dela; se não tinha grana, o valor dela estaria na capacidade de gerar filhos e prestar serviços domésticos. Ou seja, estaria sempre subordinada ao homem. Os socialistas da época diziam que a emancipação das mulheres era um passo essencial para a liberdade da humanidade e que era preciso acabar com a propriedade privada. Em 1885, o pensador alemão Friedrich Engels (1820–95) publicou A origem da família, da propriedade privada e do Estado, que fala mais dessa situação das mulheres com o surgimento da propriedade privada, das tradições de herança e da divisão do trabalho.

Embalde: em vão, inutilmente.

PANDA BOOKS

1 Débora agitou os israelitas para se livrarem do domínio de Canaã.

2 Semíramis, esposa de um rei assírio, era uma lenda entre persas, gregos e armênicos, mas, com a chegada do cristianismo, sua reputação foi detonada.

3 Judite tem um livro só dela no Antigo Testamento da Bíblia católica. A viúva, esperta e corajosa, salvou seu povo de um massacre. Mas na Bíblia protestante esse pedaço não aparece.

II

A história do Egito Antigo é dividida em cerca de trinta dinastias, ou seja, famílias que ficaram no poder por uma longa temporada. A última delas foi a ptolemaica, que durou uns trezentos anos (e que teve a famosa Cleópatra como uma de seus faraós). Sesóstris é o nome utilizado por três governantes da 12ª dinastia egípcia, e o mais poderoso desse trio foi o último deles, que conseguiu consolidar a conquista da Núbia, região da fronteira do que é hoje o Sudão.

O Egito, com as suas maravilhosas pirâmides, e todos os admiráveis monumentos, com que o enriqueceram os Faraós, os Ptolomeus, e o seu mais famigerado conquistador Sesóstris, cujas proezas encheram seu século de assombro e os povos de terror, imitou com o resto da África, toda a Ásia na apreciação da mulher. Também o Egito jazeu sempre submergido, apesar da profunda sabedoria de seus sacerdotes, em completa ignorância a respeito da educação, que convém à mulher. Seus hieroglíficos, suas curiosas múmias, e todos os fragmentos de sua admirável e extinta grandeza, e conhecimentos, que os sábios arqueólogos modernos com tanta perseverança estudam, não revelam que a inteligência da mulher fosse aí devidamente cultivada.

Famigerado: famoso, notável.

Jazer: persistir, permanecer.

A beleza física, entre esses povos, era o único mérito real da mulher; e ainda assim aquela, que a possuía, entra-

DARKSIDE BOOKS



No século XIX, o europeu e seus descendentes andavam fascinados por todas aquelas coisas diferentes que a colonização de outros povos trazia. Além das múmias, tesouros e coisas assim do antigo Egito, falava-se muito dos haréns e serralhos, que na prática são a mesma coisa: lugares de moradia das várias esposas de um muçulmano, seus filhos e mulheres escravizadas.

va em concorrência com outras, e devorava depois, como nos tempos presentes, torturantes amarguras no fundo dos **serralhos e dos haréns**! Essa nobre porção da humanidade ainda é hoje, para **opróbrio** daqueles povos, sujeita à **aviltante** lei da **poligamia**!

Opróbrio: vergonha, desonra pública.

Aviltante: humilhante, desonroso.

Os Ciros[4], os Nabucodonosores[5], os Xerxes[6], os Alexandres[7], os Darios[8] etc., que tiveram o poder de assolar e subjugar com seus numerosos exércitos tantas nações diversas, não compreendiam em seu furor de conquista que, conservando no embrutecimento o **sexo** que os alimentara, privavam-se de maior glória, do que a que lhes davam suas armas!

Na Pérsia a sabedoria dos **Magos**; na Índia os princípios contidos nos ***Vedas*** e explicados por Dyaimine, e depois por

Poligamia é a união de uma pessoa com várias outras.

"Sexo", neste livro, se refere à mulher.

"Mago" significa "sacerdote" na antiga língua persa. Foram os gregos que passaram a usar essa palavra com um sentido de magia, parecido com o de hoje.

Veda significa "conhecimento", em sânscrito, antiga língua da Índia, e também é o nome dos quatro livros sagrados do hinduísmo, religião oficial do país.

4 O Ciro mais famosão é o II, rei persa e conquistador da Babilônia.

5 O Nabucodonosor II foi rei da Babilônia e era, na época, considerado o mais poderoso de todos.

6 Neto do Ciro II, Xerxes I foi rei da Pérsia e se meteu numa guerra de vingança contra a Grécia em que o seu exército se deu mal.

7 Alexandre, o Grande, rei da Macedônia, invadiu e tomou conta da Pérsia, do Egito e de parte da Índia.

8 Dario também foi rei da Pérsia, pai de Xerxes I e um dos mais importantes imperadores da Antiguidade.

Viasa da **2ª escola Mimansa**, ou filosofia Vedanta, os Profetas mesmo, anunciando por toda a parte aos homens a palavra de Deus, nada fizeram para melhorar a condição da mulher.

Enquanto estes últimos **exortavam** os reis e os povos a armar-se para castigarem outros reis e outros povos, ou lhes **prediziam** a destruição dos impérios a fim de abater-lhes o orgulho, **olvidavam** que a sabedoria do Eterno, na última de suas criações, quando formou a admirável máquina do universo harmonizando todas as suas partes entre si, deu ao par **ditoso**, que devia ser o tronco do gênero humano, o mesmo sentir, a mesma inteligência, as mesmas **prerrogativas**.

O homem, ainda semisselvagem, **arrogou a si a preeminência** da força física; e tudo lhe foi submetido, a moral, assim como a inteligência da mulher, que ele quis permanecesse sempre **inculta**, para que mais facilmente desempenhasse a humilhante missão, a que a destinava.

Viasa ou vyasa significa "organizador". Chamavam assim Krishna Dvaipayana, quem organizou os quatro Vedas.

Diferentes interpretações dos Vedas resultaram em seis escolas de pensamento: Niaia, Vaisesica, Sânquia, Ioga, Purva Mimansa e Vedanta (ou Uttara Mimansa). *Purva* é "anterior" e *uttara* é "posterior". Vem daí a ideia de segunda escola Mimansa como sinônimo de Vedanta.

Exortar: encorajar, estimular.

Predizer: prever, profetizar.

Olvidar: esquecer.

Ditoso: feliz, afortunado.

Prerrogativa: direito, privilégio.

Ou seja, atribuiu (arrogou) a si a superioridade (preeminência).

Inculto: infrutífero, sem cultivo.

PANDA BOOKS